

**PROJETO ATLAS TOPONÍMICO
DA AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA:
O ESTADO ATUAL**

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)
profalex@ufac.br

1. Considerações iniciais

A onomástica – ramo da linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios de pessoas (antropônimos) e de lugares (topônimos) – tem se apresentado, atualmente, como um campo rico para investigações, uma vez que o levantamento e a análise dos antropônimos e/ou dos topônimos constituem um resgate sócio histórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida de uma sociedade. Desta forma, o antropônimo e o topônimo adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. No Brasil, por exemplo, muitos trabalhos científicos têm sido desenvolvidos pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à toponímia.

Nesse âmbito, além de pesquisas acadêmicas, destacam-se os Projetos de Atlas Toponímicos em desenvolvimento em algumas Universidades brasileiras: (a) Projeto ATB (Atlas Toponímico do Brasil), em desenvolvimento na USP; (b) Projeto ATESP (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), em desenvolvimento na USP; (c) Projeto ATEMG (Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais), em desenvolvimento na UFMG; (d) Projeto ATEMT (Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso), em desenvolvimento da UFMT; (e) Projeto ATEMS (Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul), em desenvolvimento na UFMS; (f) Projeto ATEPAR (Atlas Toponímico do Estado do Paraná), em desenvolvimento na UEL; e, (g) Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins, em desenvolvimento na UFTO.

Soma-se às pesquisas supra o Projeto ATAQB (Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira), em operacionalização na Universidade Federal do Acre desde 2006, sob nossa coordenação.

O trabalho que ora apresentamos tem como objetivo principal, descrever o Projeto ATAQB, do seu nascedouro ao estado atual. Faz-se necessário, contudo, discorrer, ainda que de forma breve, sobre os pressupostos teóricos que embasam as pesquisas toponímicas, para tornar claros os tópicos que desenvolveremos posteriormente.

2. A toponímia: pressupostos teóricos

Sabe-se que toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes por meio de seu acervo lexical e que este constitui o conjunto de palavras de uma língua natural, no qual estão projetadas as experiências vividas por determinado grupo sócio-linguístico-cultural. No dizer de Oliveira e Isquierdo (2004, p. 09):

Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, [...] Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade.

Dessa forma, segundo as autoras, a análise do conjunto lexical presente na língua de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares.

3. O conceito: ciência toponímica

Ao designar um lugar com um nome, estabelece-se uma relação binômica, ou seja, uma conexão entre o acidente geográfico (o rio, o igarapé, o município, o seringal etc.) e o nome atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo. Nesse ato de nomeação, diferentes fatores interferem (influenciam, motivam) na escolha do denominativo, tanto de ordem físico-ambiental (as características do próprio acidente), quanto de ordem antropológica (a cosmovisão do grupo humano).

Como disciplina, a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares (os nomes geográficos) denominados de topônimos. Os especialistas nessa área têm apresentado diferentes conceituações para o referida ramo onomástico. Rostaing (1961 p. 07), por exemplo, conceitua a Toponímia como uma ciência cuja finalidade é “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações”.

Salazar-Quijada (1985, p. 18), por sua vez, concebe a toponímia como o “ramo da onomástica, que se ocupa do estudo integral, no espaço e no tempo, dos aspectos: geo-históricos, socioeconômicos e antropolinguísticos que permitiram e permitem que um nome de um lugar se origine e subsista”.

E Dick (1990, p. 36), por sua vez, define a toponímia como “um

imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. Para ela, apesar desse caráter eclético da disciplina, que parece inicialmente se chocar com o pensamento de Charles Rostaing, que via na linguística o “princípio essencial da toponímia”, não há contradição entre as duas posições. A toponímia, em sua feição intrínseca, “deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas”.

4. O objeto: forma e função

Como foi dito anteriormente, a toponímia possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar), que é o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), o topônimo representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado”.

Isquierdo (1997, p. 33), contudo, a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples. A pesquisadora reconhece essa complexidade afirmando que:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam difícil toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geossocioeconômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Sousa (2007a, p. 36), apoiado em Dick (1992) acrescenta que a motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: “primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorrerem circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva”, e em seguida na origem semântica da nomeação, no significado intrínseco a ela, que se revela de modo transparente ou opaco, apontando para as mais diversas origens.

Assim, considerando-se o nome próprio [de lugar] como fato da língua (como um signo linguístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antropoculturais), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram, temporária ou definiti-

vamente a região pesquisada (SOUSA, 2007a, p. 36).

Desse modo, no ato de nomeação, mecanismo influenciado externamente ou subjetivamente, deixa transparecer nos topônimos pistas semânticas das mais diferentes procedências, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador.

5. Categorias taxionômicas: motivação semântica

O sintagma toponímico (ou topônimo) apresenta-se em formas e funções variadas. Estruturalmente, de acordo com Dick (1990, p. 10), o topônimo compreende dois elementos: o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico. O primeiro corresponde ao nome do próprio acidente geográfico que será denominado; e o segundo, corresponde ao elemento que identifica, singulariza o acidente. Por exemplo, no sintagma seringal Alagoas: seringal é o termo genérico e Alagoas, o específico.

O aspecto funcional do sintagma toponímico, por sua vez, constitui sua principal característica. Em Dick (1990, p. 367), são apresentados os princípios teóricos de análise toponímica e uma discussão sobre dois planos de investigação – o diacrônico e o sincrônico – considerando que a investigação no âmbito do segundo plano, permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antropocultural”.

Em outra obra, Dick (1992), a pesquisadora apresenta uma reformulação do modelo de classificação taxionômica para os topônimos – o primeiro modelo foi apresentado em Dick (1975) –, contemplando 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – Taxionomias de Natureza Física –, e 16 (dezesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem – taxionomias de natureza antropocultural. As referidas categorias taxionômicas são descritas e exemplificadas¹⁰⁸ a seguir:

5.1. Taxionomias de natureza física

- (a) Astrotopônimos: topônimos relativos aos corpos celestes em geral.
Ex.: Cruzeiro do Sul (AC);

¹⁰⁸Os exemplos apresentados foram retirados de Sousa (2007c).

- (b) Cardinotopônimos: topônimos relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Avenida Leste-Oeste (CE);
- (c) Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex.: Igarapé Preto (AC);
- (d) Dimensiotopônimos: topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos. Barra Longa (MG);
- (e) Fitotopônimos: topônimos relativos aos vegetais. Ex.: Flores (PE);
- (f) Geomorfotopônimos: topônimos relativos às formas topográficas. Ex.: Morros (MA);
- (g) Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex.: Cachoeirinha (RS);
- (h) Litotopônimos: topônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo. Ex.: Areia (PB);
- (i) Meteorotopônimos: topônimos relativos a fenômenos atmosféricos. Ex.: Chuvisca (RS);
- (j) Morfotopônimos: topônimos relativos às formas geométricas. Ex.: Volta Redonda (RJ);
- (l) Zootopônimo: topônimos referentes aos animais. Ex.: Cascavel (CE)

5.2. Taxionomias de natureza antropocultural

- (a) Animotopônimos (ou Nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: Vitória (ES);
- (b) Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex.: Rodrigues Alves (AC), Mâncio Lima (AC);
- (c) Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex.: Coronel Ezequiel (RN);
- (d) Corotopônimos: topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: Seringal Quixadá (AC);
- (e) Cronotopônimos: topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a). Ex.: Nova Aurora (GO);

- (f) Ecotopônimos: topônimos relativos às habitações em geral. Ex.: Chalé (MG);
- (g) Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex.: Jangada (MT);
- (h) Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: Capixaba (AC);
- (i) Dirrematopônimos: topônimos constituídos de frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Passa e Fica (RN);
- (j) Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex.: Capela (AL). Essa categoria subdivide-se em: (i) Hagi-topônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex.: Santa Luzia (BA) (ii) Mitotopônimos: entidades mitológicas. Ex.: Exu (PE);
- (l) Historiotopônimos: topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas. Ex.: Plácido de Castro (AC);
- (m) Hodotopônimos: topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural. Ex.: Ponte Alta (SC);
- (n) Numerotopônimos: topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: Dois Vizinhos (PR);
- (o) Poliotopônimos: topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: Vila Nova do Mamoré (RO);
- (p) Sociotopônimos: topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos. Ex.: Pracinha (SP);
- (q) Somatopônimos: topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Ex.: Braço do Trombudo (SC).

Vale assinalar, ainda, as contribuições que outros pesquisadores brasileiros oferecem à proposta classificatória de Dick (1992). Isquierdo (1996), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxa dos animotopônimos: animotopônimos eufóricos (marca uma impressão agradável, otimista, Ex.: Seringal Alegria) e animotopônimos disfóricos (marca uma impressão desagradável, Ex.: Seringal Solidão).

Lima (1998), por sua vez, apresenta uma subdivisão para os hagi-topônimos: hagi-topônimos autênticos (nomes de inspiração religiosa, Ex.: Colocação São Mateus) e hagi-topônimos aparentes (nomes de inspiração política. Ex.: Rio São Luiz – homenagem a um padre).

Já em Francisquini (1998), encontra-se o acréscimo das seguintes taxas: Acronimotopônimos (topônimos formados por siglas), Estamato-topônimos (topônimos relacionados aos sentidos, Ex.: Seringal Vista Alegre), grafematopônimos (topônimos formados por letras do alfabeto, Ex.: Avenida D), Higietopônimos (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico. Ex.: Bairro da Saúde) e Necrotopônimos (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais, Ex.: Colocação Cova da Onça).

6. Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: descrição metodológica

No Brasil não havia, como nos países europeus, grande tradição em pesquisas onomásticas, de modo geral, e toponímicas, em particular. Contudo, nos últimos anos, o interesse pelos estudos toponímicos tem crescido e, conseqüentemente, muitas pesquisas (teses, dissertações, monografias, artigos, conferências, comunicações entre outras) têm sido realizadas. Como confirmação desse interesse, estão em operacionalização, como afirmamos no início deste trabalho, alguns projetos acadêmicos que visam à produção de atlas toponímicos, “como um meio de análise das ocorrências gerais da nomenclatura geográfica, do ponto de vista da denominação dos acidentes físicos e antrópicos” (DICK, 1998, p. 63).

Dentro dessa linha evolutiva das pesquisas toponímicas brasileiras, foram iniciados, em 2006, na Universidade Federal do Acre, os primeiros estudos objetivando a produção do Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira – Projeto ATA OB, sob nossa coordenação.

6.1. Objetivos do projeto ATA OB

O Projeto ATA OB objetiva, num sentido amplo, traçar o perfil toponímico do estado do Acre, a partir da análise da nomenclatura dos seus acidentes físicos (serras, rios, igarapés etc.) e humanos (municípios, seringais, colocações, bairros, ruas etc.) registrados oficialmente em cartas topográficas.

A partir desse objetivo maior, pretendemos: (a) reconhecer os estratos linguísticos que deixaram marcas na toponímia acreana: portugueses, indígenas, africanos etc.; (b) apresentar os motivadores geradores dos designativos nas diferentes etnias observadas e, posteriormente, cartografadas; (c) reconhecer as possíveis influências (gramaticais e semânticas) das línguas em contato no Acre; (d) cartografar os topônimos seguindo a metodologia do Projeto ATB.

6.2. O corpus: seleção e catalogação

Devido a escassez de material atualizado para a seleção/coleta dos dados, uma vez que o IBGE/AC não possui em seus arquivos cartas topográficas dos municípios acreanos de escala 1: 25 000 ou 1: 50 000, o corpus da pesquisa está sendo coletado nas seguintes fontes:

- a. Mapa Político-Administrativo do Estado do Acre (2006), escala 1:1000 000
- b. Carta Topográfica da Amazônia Legal (1990), escala 1:1000 000, fornecida pelo IBGE-AC;
- c. Mapas Cartográficos (1990): Microrregião do Alto Juruá (escala 1:2000 000), Cruzeiro do Sul (escala 1:660 000), Feijó (escala 1:750 000), Mâncio Lima (escala 1:400 000), Tarauacá (escala 1:800 000), Microrregião Alto Purus (escala 1:2000 000), Assis Brasil (escala 1:330 000), Brasiléia (escala 1:330 000), Manuel Urbano (escala 1:750 000), Plácido de Castro (escala 1:300 000), Rio Branco (escala 1:600 000), Senador Guiomard (escala 1:300 000), Sena Madureira (escala 1:800 000), Xapuri (escala 1:500 000); fornecidos pela Fundação de Tecnologia do Estado do Acre – FUNTAC;
- d. Dados do Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre (2000a; 2000b), fornecidos pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente – SECTMA;
- e. Inquéritos (corpus)¹⁰⁹ do Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, da Universidade Federal do Acre.

¹⁰⁹ Segundo Lessa (1997), os dados que constituem o corpus do CEDAC foram coletados em entrevistas com seringueiros acreanos, em 18 pontos do Estado, entre 1991 e 1995, visando à produção do Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC.

Atualmente, foram selecionados 446 (quatrocentos e quarenta e seis) topônimos, assim distribuídos:

- a. Topônimos de acidentes humanos: 01 do Estado, 05 das Microrregiões, 22 dos municípios, 88 dos seringais e 22 das colocações do Seringal Alagoas;
- b. Topônimos de acidentes físicos: 31 dos rios e 277 dos igarapés.

Esses dados estão sendo catalogados em fichas, conforme modelo sugerido por Dick (2004), para que, posteriormente, sejam realizadas as análises morfológicas e classificação semântico-motivacional (a classificação toponímica propriamente dita).

O preenchimento das fichas lexicográficas – que identificam o acidente designado, as entradas lexicais, o pesquisador e o revisor, e as fontes da coleta – é a etapa inicial de um conjunto de fases posteriores que integram o projeto.

6.3. Etapas da pesquisa

Concluída a fase prévia do projeto (seleção e catalogação dos dados), os passos subsequentes são: (a) investigação dos prováveis fatores motivacionais inerentes aos sintagmas toponímicos; (b) distribuição quantitativa dos topônimos de acordo com a natureza toponímica (física ou antropocultural); (c) distribuição quantitativa dos topônimos de acordo com a categoria taxionômica; (d) estudo linguístico dos sintagmas toponímicos (etimologia, estrutura morfológica etc.); (e) levantamento dos fatos sócio-históricos relacionados à nomeação; (f) identificação dos estratos linguísticos (portugueses indígenas, africanos etc.) presentes na região investigada; (g) mudanças possíveis de nomeação dos acidentes e as causas que levaram a essa troca; e (h) estabelecimento das áreas toponímicas locais e regionais.

O Projeto ATAQB, embora não constitua uma das variantes regionais do Projeto ATB, procura seguir, na medida do possível, os princípios teórico-metodológicos fornecidos por Dick (1990; 1992; 1996; 2004), aplicados nos pesquisas regionais:

- a. o “método das áreas” (DAUZAT, 1928) ou dialetológico, que propõe o remapeamento da distribuição municipal, conforme as os estratos dialetais presentes na língua padrão;

- b. a distribuição toponímica em classes taxionômicas que denotam os principais motivadores dos topônimos brasileiros.

7. Considerações finais

À guisa de conclusão, vale sublinhar que diversos fatores justificam o pouco avanço do Projeto ATAQB, entre eles, a escassez de material para pesquisa histórica de alguns municípios e mapas para coleta de dados, o reduzido número de pesquisadores e o acúmulo de compromissos extra assumidos pelos membros da equipe.

Contudo, ainda em meio a tantos obstáculos, o projeto tem garantido significativas produções, como mostramos anteriormente. A cada nova etapa concluída, surgem motivações e expectativas para o início das demais e conclusão do produto.

Atualmente, estão em andamento as pesquisas sobre a toponímia dos rios e igarapés, e, terminada essa fase, iniciaremos as investigações dos designativos das colocações de alguns seringais.

Assim, acreditamos que mais este projeto toponímico, somado aos demais, conseguirão motivar o início de novas pesquisas, que levarão à descoberta de nossa identidade, ou realidade, linguístico-cultural. Levando-se em consideração a dimensão territorial do Brasil, com características geolinguísticas e sócio-histórico-culturais tão peculiares, ainda são poucos os estudos toponímicos empreendidos, de modo especial nas regiões Norte e Nordeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa *Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente* – Documento final. v. 1. Rio Branco, SECTMA, 2000a.

_____. *Zoneamento Ecológico-Econômico: recursos naturais e meio ambiente* – Documento final. v. 2. Rio Branco, SECTMA, 2000b.

DAUZAT, A. *Les noms de Lieux. Origene et évolution*. Paris, Librairie Delagrave, 1928.

DICK, M. V. de P. do A. O problema das taxionomias toponímicas: uma

contribuição metodológica. *Revista Língua e Literatura*, v. 4, p. 372-380, 1975.

_____. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 1980, 198 p.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo, Gráfica da FLCH/USP, 1992.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiótica et Linguística*, v. 6, p. 27-45, 1996.

_____. Toponímia e imigração no Brasil. *Revista do Instituto Brasileiro*, v. 4, p. 83-92, 1998.

_____. Rede de conhecimentos e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de. ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 121-130.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba*. Londrina. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Londrina – UEL, 1998, 255 p.

ISQUERDO, A. N. *O fato linguístico como recorte da realidade socio-cultural*. São Paulo. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1996, 409 p.

_____. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteiras. Revista de História*, v. 1, n. 2, p. 27-46, 1997.

LESSA, L. G. Os estudos dialectológicos no estado do Acre. *Revista Philologus*, v. 4, n. 10, p. 7-11, 1997.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45, Campinas, 1997. *Anais...* Campinas, GEL/UNESP, 1997, v. 1, p. 422-428.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004.

ROSTAING, C. *Les noms de Lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponimia e Venezuela*. Caracas: Publicaciones de la Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, 1985.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. Fortaleza, CE. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará – UFC, 2007a, 120 p.

_____. Estratos linguísticos de origem tupi na macrotoponímia acreana: contribuição para o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira. In: IV CONGRESSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, 04, Rio de Janeiro, 2007. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2007b, v. 1, p. 127-139.

_____. O sagrado na toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira: as colocações do Seringal Alagoas. In: IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E I COLÓQUIO DE SEMIÓTICA – UERJ, 09, Rio de Janeiro, 2007. *Anais...* Rio de Janeiro, CiFEFiL, 2007c, v. 1, p. 36-48.